



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**SENTIMENTO DE CULPA E O COMPROMISSO ÉTICO: O PROCESSO DE  
HOMINIZAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES ÉTICAS**

LINNIKAR GLÓRIA DE CASTRO LIMA

**LAVRAS  
2020**

**LINNIKAR GLÓRIA DE CASTRO LIMA**

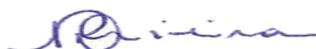
**SENTIMENTO DE CULPA E O COMPROMISSO ÉTICO: O PROCESSO DE  
HOMINIZAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES ÉTICAS**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Lavras, como parte  
das exigências da disciplina  
Seminário de Pesquisa, curso de  
graduação em Psicologia.

APROVADO EM: 20/10/2020

**PROFESSORA ORIENTADORA:**

Paula de Deus Vieira/ Centro Universitário de Lavras



---

**PRESIDENTA DA BANCA:**

Cleonice de Faria Barbosa/ Centro Universitário de Lavras



---

**MEMBRO DA BANCA:**

Magali Milene Silva/ Centro Universitário de Lavras



---

**LAVRAS, MG  
2020**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento  
Técnico da Biblioteca Central do UNILAVRAS

L732s Lima, Linnikar, Glória de Castro.  
Sentimento de culpa e o compromisso ético: o  
processo de hominização e suas possibilidades éticas/  
Linnikar Gloria de Castro Lima orientação de Paula de  
Deus Vieira. -- Lavras: Unilavras, 2020.  
24.

Monografia apresentada ao Unilavras como parte  
das exigências do curso de graduação em Psicologia.

1. Ética. 2. Sentimento de culpa. 3. Mal-estar. 4.  
Psicanálise. I. Vieira, Paula de Deus (Orient.). II. Título.

## RESUMO

O compromisso ou projeto ético, na cultura, trouxe o questionamento sobre o mal-estar e a relação com o sentimento de culpa como forma de resposta aos impasses do processo civilizatório. A partir dessa emblemática da cultura, a proposta pautou-se em averiguar, na psicanálise freudiana, se haveria outra possibilidade ética que ultrapasse o sentimento de culpa como mal-estar. Para tal, foram trabalhados os conceitos de supereu, ideal de eu, mal-estar e sentimento de culpa. Em uma análise, essa condição pode se transformar em outras possibilidades éticas, a partir da responsabilização diante do sintoma e do mal-estar, perante uma mudança de posição do sujeito frente à posição ética articulada a esse processo de se constituir a partir da cultura.

**Palavras-chave:** Ética. Sentimento de Culpa. Mal-Estar. Psicanálise Freudiana.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>2</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>6</b>
2.1. Objetivo Geral .....	6
2.2. Objetivos Específicos .....	6
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>7</b>
<b>4. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>8</b>
<b>4.1. Totem e Tabu: da culpa originária às origens da cultura.....</b>	<b>8</b>
<b>4.2. Impasses entre sujeito e cultura frente à hominização .....</b>	<b>10</b>
<b>4.3. O supereu e a ética.....</b>	<b>13</b>
<b>4.4. A direção do tratamento e outras possibilidades de compromisso ético .</b>	<b>16</b>
<b>5. METODOLOGIAS .....</b>	<b>21</b>
5.1. Delineamento da pesquisa: .....	21
5.2. Procedimento de coleta de dados .....	21
<b>6. CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>6.1. CONCLUSÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre a ética na psicanálise freudiana levantam questões acerca de como o homem se torna civilizado, ou seja, um ser de cultura e dos efeitos desse processo. Em “O mal-estar na cultura”, Freud (1930/2016) apresenta a cultura como tudo aquilo que difere ou distingue o homem da vida animal, afasta-o de sua natureza animal e institui o campo propriamente humano. Entretanto, o que são essas coisas que distinguem o homem do animal? A cultura!, que “designa a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si” (FREUD, 1930/2016, p. 87).

Freud (1930/2016) caracteriza a relação do homem com a cultura como essencialmente conflituosa. A cultura exigiria renúncia para a vida coletiva, o que é vivido pelo homem como perda da satisfação: “O homem aculturado trocou uma parcela de possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Freud, 1930/2016, p. 130). Assim, o homem renuncia para civilizar-se, sendo função da cultura oferecer satisfações substitutivas. Dessa forma, há um conflito evidente entre os mecanismos de repressão: entre o que é imposto coletivamente em prol da moral e os impulsos para a satisfação. O efeito dessa renúncia, a qual é inerente ao homem como ser de cultura, é o sentimento de culpa: ele nunca se satisfaz completamente e nunca desiste de suas satisfações. Assim, o sentimento de culpa seria um nome do efeito de mal-estar da posição do homem na cultura.

O sentimento de culpa seria entendido por Freud como o sentido primordial do mal-estar, pois “o preço do progresso cultural é pago com a perda de felicidade devida à intensificação do sentimento de culpa” (FREUD, 1930/2016, p. 137). Diante disso, a pulsão<sup>1</sup>, por sua vez, apresenta certo tipo de tendências destrutivas e anticulturais. Mediante as convenções sociais, descritas através de um ideal normalizador, o homem deve construir um projeto ético e renunciar aos impulsos para a satisfação no sentido de interioridade do ato humano em prol do bem da comunidade, ou, mesmo, submeter-se ao poder desta, a qual tem como tarefa oferecer segurança e satisfações substitutivas. Colocam-se, então, as questões a

---

<sup>1</sup> Pulsão diz respeito a uma pressão constante para a satisfação sem a predeterminação de um objeto: “A pulsão é o nome do conjunto de efeitos que a linguagem perpetra no instinto (...). Não há, assim, experiência instintiva no ser humano, no sujeito, mas experiência do instinto fragmentado e remodelado pelo significante, que é a pulsão” (Eliá, 2010, pp. 46- 47).

serem discutidas no interior da obra de Freud e com recursos a comentadores: haveria outra forma de sentimento ético senão pelo sofrimento, culpa, através de renúncia e insatisfação? Há, na obra de Freud, indicativa de outras possibilidades de compromisso ético que ultrapassem a culpa e o sofrimento individual?

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Esta pesquisa teve como objetivo estudar a noção de sentimento de culpa, como solução/efeito do compromisso entre as exigências individuais e culturais. Investigando na obra Freudiana o processo de constituição do homem como ser de cultura e sua relação com a constituição ética individual e coletiva, para abordar de uma maneira mais concisa a questão das possibilidades de compromisso ético na psicanálise freudiana.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Percorreu-se os textos de Freud sobre a cultura a fim de discutir como a psicanálise considera o processo de hominização.
- Trabalhou-se a noção de sentimento de culpa em Freud e sua relação com o compromisso ético sujeito/cultura.
- Discutiu-se o conceito freudiano de supereu e sua relação com a cultura e o sentimento de culpa.
- Percorreu-se artigos freudianos sobre a técnica da psicanálise, especialmente sobre a direção do tratamento analítico, verificando se há na obra freudiana indicativos de outras possibilidades de compromisso ético na cultura que ultrapassem o sentimento de culpa e o sofrimento neurótico.
- Realizou-se o levantamento de literaturas contemporâneas sobre o processo de hominização, o compromisso ético do sujeito e em relação a cultura, e o sentimento de culpa para a psicanálise.
- Discutiu-se a atualidade da proposta Freudiana do embate sujeito e cultura e suas consequências e efeitos para a prática analítica. E esses efeitos e consequências na cultura.

### 3 JUSTIFICATIVA

Freud em “O mal-estar na cultura” (1930\2016), descreve o sentimento de culpa como mal-estar; o efeito inerente ao projeto civilizatório ou cultural. É importante compreender o efeito do projeto civilizatório, já que o mal-estar é algo inerente, de acordo com as análises de Freud sobre a cultura, e o seu efeito é o sentimento de culpa. Estudamos ao longo deste trabalho, os desdobramentos manifestos dos sujeitos frente à cultura, diante do mal-estar que é inerente ao ser hominizado, para discutirmos os efeitos do mal-estar na clínica e também na própria cultura.

O tratamento analítico envolve a escuta do modo como o mal-estar se apresenta para aquele sujeito e, através da transferência, a possibilidade de outros manejos do mal-estar. Freud observa na clínica, que apesar do sujeito seguir todas as regras e normas para garantir o ideal de hominização, através da renúncia, tem como efeito o sentimento de culpa. Essa proposição revela que o sujeito do inconsciente para a psicanálise freudiana é marcado essencialmente pelo conflito. Estudar o compromisso do sujeito com a cultura e suas consequências psíquicas é fundamental na contemporaneidade, em que os valores são permanentemente questionados e queixas de sofrimento psíquico e excesso de violência são constantes.

A relevância deste tema se pauta através do manejo desse mal-estar como algum outro tipo de possibilidade, que possa ultrapassar a culpa, apontando para direcionamentos clínicos e sociais. Não se trata de uma pergunta inédita, mas de um trabalho que possa fundamentar pesquisas futuras de análise de uma situação clínica individual ou social específica. Assim, trata-se de uma pesquisa básica. Num campo conceitual como a psicanálise, esse tipo de pesquisa é fundamental e colabora com o rigor da aplicação dos conceitos.

Desta forma, cabe fazer uma análise teórica dos textos onde Freud aborda estas questões e com a ajuda de comentadores que trabalham sob esse tema na contemporaneidade, a fim de discutir a questão do compromisso ético, e se haveria outra possibilidade deste que ultrapasse o sentimento de culpa, desta forma, a modificação no âmbito da realidade poderia através desta questão em Freud, ser possibilitada.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 4.1 Totem e Tabu: da culpa originária às origens da cultura

Freud (1912/2015) identifica a fantasia e o mito como construções que estruturam a realidade e a sociedade. Ao evidenciar, na tragédia de Sófocles, “Édipo Rei”, os dois crimes máximos contra a cultura, o incesto e o parricídio, o pai da psicanálise a utiliza como alegoria para tratar a construção dos pilares da cultura e da fantasia subjetiva. Em “Totem e Tabu” (1912/2015), será percorrida a trajetória de Freud ao instaurar, por meio de um mito científico, a entrada do homem na cultura e a base das primeiras organizações sociais, base que será constituída a partir do sentimento de culpa, tributária à morte do pai da horda primeva. Essa homologia, para a psicanálise, traz um complexo “que designa o conjunto de fantasias e representações inconscientes da vida do sujeito: o complexo de Édipo” (Fuks, 2011, p. 25). Assim, o complexo de Édipo trata do modo como cada um representa, através de seu romance familiar, a entrada na cultura.

Esse mito diz que, como sujeitos, procedemos de um ato, um assassinato, que nos arranca da natureza, que nos faz culpados, sem que tenhamos matado pai algum que fosse encontrável: matamos o pai-natureza (não a mãe-natureza, porquanto nesta insistamos), e por esse ato ingressamos na cultura carregando uma espécie de ‘buraco em nossa alma’. O que significa este buraco? Significa que é só por uma falta no nível do ser, do ser vivo, natural, que o sujeito tem a condição de emergir como tal. Significa também que esta falta fundadora do sujeito não se produz por si mesma, ou por algum processo natural, e tampouco cultural – já que a cultura carece, tanto quanto o sujeito, de uma teoria que possa explicar, no plano estrutural, sua constituição e seus processos –, mas requer o ato constituinte do sujeito para se fazer como falta. Trata-se de uma condição que comporta algo de paradoxal: a falta é fundante do sujeito, mas, em contrapartida, requer o ato do sujeito para se fundar como falta (ELIA, 2010, p. 48).

A entrada do homem na cultura é acompanhada por um buraco na constituição do ser. Esse buraco denuncia a falta no sujeito e a divisão deste como prerrogativa de sua condição como ser de cultura, o que evidencia uma angústia fundamental: o marco zero do humano é sua condição de faltante. O sentimento de culpa aparece como o sintoma da negociação entre a falta e o desejo, isto é, das exigências morais civilizatórias de renúncia e da exigência pulsional de satisfação. O mito científico da entrada do homem na cultura é descrito a partir de um pai tirano e onipotente, e seus filhos, dominados pelo pai, sob a lei do mais forte. Esse pai os priva de se chegarem às mulheres da horda. O problema é que “(...) A um pai gozante, correspondem filhos não desejantes” (KEHL, 2002, p. 42). Em contrapartida, esse pai lhes oferece proteção – contra os perigos externos e conflitos entre eles mesmos –, como ainda lhes oferece opressão: “os

irmãos não sofriam de desamparo, mas também não tinham o direito ao prazer” (KELH, 2002, p. 40).

Os irmãos unem-se, então, para matar esse pai tirano. E, assim, eles fazem: comem o pai antropofagicamente, para simbolizar que a lei, a partir de então, foi instaurada. Mediante esse assassinato, sentem um sentimento de culpa muito forte e o elevam a uma posição de santidade e grandiosidade. Proíbem, desse modo, a morte do totem e o instauram como o primeiro representante a partir de uma figura simbólica do morto, dando início a uma organização social. A passagem dos selvagens à entrada do homem na instituição é descrita por Freud (1912/2015) a partir do banquete totêmico. Com o remorso e a culpa pelo ato cometido, os irmãos, além de solidificarem os vínculos através do amor, que diminuiu, assim, a rivalidade, “(...) intensificam o respeito à ‘vontade paterna’, agora transformada em lei” (FUKS, 2011, p. 27).

Através de um forte sentimento de desamparo do pai todo-poderoso, a quem eles amavam e odiavam (ambivalência de sentimentos), os irmãos ligaram-se a ele e, a partir de um modo idealizado, instauraram o sentimento religioso. “Foi preciso que o tirano morresse, esgotando nos irmãos a vertente do ódio, para que estes se dessem conta de que também o amavam” (KEHL, 2002, p. 42). O pai aparece, pois, como o “totem”, e essa condição do pai onipotente, e agora onipresente, “trouxe intensos ganhos imaginários de proteção, abrigo e alívio da culpa” (FUKS, 2011, p. 27). Dessa maneira, a ficção freudiana da morte do pai da horda primeva se encontra na origem da religião (totem), das organizações sociais, ou seja, de prescrições para o agir, dessa forma de caráter moral, frente ao tabu.

Por meio da força dos filhos, estes puderam se organizar e fundar uma nova organização simbólica: passar da sujeição a seres desejantes por intermédio da fala. Diante disso, agora não mais como filhos, mas como irmãos, estes foram obrigados a falar, e isso os tornou sujeitos às diferenças e ao conflito. Frente a essa mudança, a culpa, que propiciou a reparação do pai como totem, também vira ameaça pelo fato de dizer algo sobre o desejo dos irmãos, e estes podem almejar o prazer; isto é, podem tomar contato com o desejo a propiciar o gozo. Todavia, não um gozo sem limites, já que a instauração da lei vem para barrar esse gozo, o qual o pai parecia obter. Dessa forma, instaura-se a lei da interdição do incesto: ou seja, ter acesso a todas as mulheres, menos à do pai, única interdição proeminente na base de todas as civilizações.

A entrada e a permanência do homem na cultura se constituíram pelo fato da renúncia a certos desejos individuais, em detrimento das exigências civilizatórias, preceitos morais e organização simbólica, decorrente dos totens produzidos nas culturas e da proibição ocasionada por meio dos tabus instaurados de forma simbólica e mediadora entre natureza e cultura. Essa

relação causaria, então, um sentimento hostil, relacionado ao que sentiam pelo pai, porém, agora, frente à lei simbólica, sentimento que é a base do sentimento de culpa. Para o pai da psicanálise, o “(...) sentimento de culpa [é] como o mais importante problema no desenvolvimento da cultura” (FREUD, 1930/2016, p. 96). Já que esse sentimento aparece como mal-estar, o preço a se pagar pela entrada do homem na cultura, o que esse sentimento viria enunciar sobre a vida civilizatória?

#### **4.2 Impasses entre sujeito e cultura frente à hominização**

As origens da infelicidade e do sofrimento psíquico na obra freudiana aparecem por meio do impasse entre homem e cultura. Em prol de uma organização simbólica, o homem tem de mediar sua satisfação; isto é, construir sua condição de sujeito desejante sob o viés civilizatório. Dessa forma, o sintoma neurótico aparece através da dificuldade desta negociação, entre a exigência pulsional de satisfação e a exigência cultural de renúncia, conflito que o sintoma concilia. O sentimento de culpa é o efeito da impossibilidade dessa negociação em que a cultura nos lança. Não se trata exatamente da culpa de matar o pai, mas de não gozar plenamente estando ele morto; ou seja, culpa por não resolver o impasse que é constitutivo.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão da pulsão. Cada sujeito renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais (FREUD, 1908/1996, p. 90).

O fardo que a cultura oferece, a fim de tornar possível a vida comunitária, seria todo o regulamento necessário para ajustar as relações dos homens uns com os outros, e assim para a distribuição dessa riqueza disponível, um regulamento simbólico civilizatório. Para manter esse regulamento, a cultura tem de ser defendida contra o “indivíduo”<sup>2</sup>.

Objetivando essa distribuição, uma vez que “é de se acreditar que teria de ser possível uma nova regulação das relações humanas que fizesse secar as fontes do descontentamento com a cultura, na medida em que esta renunciasse à coerção e a repressão dos impulsos, de modo que os homens, sem serem perturbados por disputas interiores, pudessem se dedicar à obtenção de bens e ao seu usufruto” (FREUD, 1927/2015 p. 39).

---

<sup>2</sup> A rigor, não há indivíduo em psicanálise, porque não se apresenta essa unidade e, além disso, não há separação entre sujeito e cultura, uma vez que o sujeito é o efeito do fato da cultura, mas optou-se por manter os termos freudianos.

Presencia-se, pois, um mal-estar estrutural. A própria tentativa da cultura de proibição ou permissão aparece como impossibilidade da cultura de dar certo tratamento ou contorno a esse mal-estar e o sentimento de culpa aparece como sintoma, ou resposta, da mediação entre o sujeito pulsional e a cultura de renúncia. Diante disso, cabe o questionamento: o que é o entendimento de cultura<sup>3</sup> em relação à psicanálise freudiana?

Fica-se assim com a impressão de que a cultura é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. [...] Parece, antes, que toda cultura tem de ser construída sobre a coerção e a renúncia aos impulsos; não parece nem mesmo assegurado que a maioria dos indivíduos esteja preparada para assumir o trabalho necessário à obtenção de novos bens vitais caso cesse a coerção. Acho que é preciso contar com o fato de que, em todos os homens há tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais, e que num grande número de pessoas elas são fortes o bastante para determinar o seu comportamento na sociedade humana. (FREUD, 1927/2015, pp. 38-39).

O mal-estar é, assim, inerente à cultura; um efeito desta. Como medicamento, a moral aparece para mediar o processo de regular as pulsões através da inibição. E o sujeito, por ser constituído como efeito da cultura, se submete a sacrifícios por não conseguir viver só. Por não estar só numa cultura, num espaço-tempo, dessa forma, ele se submete à moral, a qual “(...) se expressa, sobretudo de modo coercitivo, proibindo e castigando, o que não deixa de evocar as auto-recriminações (...)” (MEZAN, 1985, p. 136).

Neste ponto, cabe ressaltar o porquê de Freud ter desprezado a distinção entre os termos civilização e cultura. Conforme Fuks (2011), “a dimensão material da vida social (civilização) e a dimensão espiritual das instituições humanas (cultura)” (pp. 9-10) são articuladas entre si. Nesse contexto:

Freud designa como cultura humana a interioridade de uma situação individual – manifesta nos impulsos que vêm desde dentro do sujeito – e a exterioridade de um código universal, subjacente aos processos de subjetivação e aos regulamentos das ações do sujeito com o outro.

Esse impasse reflete a questão da ética como um ideal, que, segundo Gaspar (2007), poderá ser equiparado ao termo “moral”, pois colocará em evidência uma vertente normalizadora da ética. Assim, consideram-se: moral, as prescrições coletivas de orientações para agi-lo; e ética, um posicionamento singular frente a elas, que recebe o nome de sujeito em psicanálise.

Ao introduzir a noção de pulsão de morte, Freud (1895/1950) coloca uma impossibilidade de harmonia do sujeito com os ideais da cultura. Começa a enunciar “a noção”

de pulsão de morte, logo na primeira tópica, ao trabalhar, em seu texto “Projeto para uma psicologia científica”, a relação dos processos neuronais e a tendência inata dos neurônios e do aparelho psíquico à redução da tensão; no caso, os neurônios tendem a se livrar de Q; ou seja, rebaixar a tensão de Qn: 0 (princípio da inércia ou nirvana) (FREUD, 1895/1950). Esse mecanismo é evidenciado no texto de 1920, “Além do princípio do prazer”, no qual Freud postula a existência da pulsão de morte (Thânatos), descrevendo a dinâmica do aparelho psíquico em relação ao princípio do prazer (evitar o desprazer), perante o princípio de realidade (atender às exigências externas), e colocando em evidência o conflito ou a relação entre a pulsão de vida (Eros) (que fomenta caminhos seguros para a satisfação) e a pulsão de morte (que se satisfaz além das organizações dos princípios).

(...) As pulsões de morte, Freud conclui, só se manifestam através da vida, ou seja, quando fundidas com as pulsões de vida. Esta seria mais uma oposição entre Eros e Thánatos: a pulsão de morte age silenciosamente, enquanto Eros tende à exteriorização, indo em direção aos objetos, buscando sempre a ligação e eliminando limites ao procurar constituir um ‘todo’ – ela se opõe à divisão. Thánatos, que originalmente está voltada para o interior, tendendo para a auto-destruição, só pode ser observada quando em fusão com Eros. Por intermédio de Eros, parte da pulsão de morte pode ser desviada para os objetos (GASPAR, 2007, pp. 80-81).

A pulsão de morte pode ter seus caracteres produtivo e criativo. Assim, como os irmãos da horda se uniram para matar o pai, o que possibilitou a entrada do homem na cultura e as relações mútuas entre os homens, num processo simbólico de mediação, nesse contexto, teve-se de destruir a horda para, então, criar uma cultura.

Mas a sociedade nesse contexto regula essa agressividade, para dar conta de um controle coercitivo das pulsões e do sujeito no social. A psicanálise seria um viés, pelo qual o sujeito poderia produzir, em seu percurso analítico, a possibilidade da sublimação da pulsão. Por essa via, ela produz o desamparo e aponta a falta ao sujeito, o *Unheimliche*, estranhamento familiar que diz da condição da divisão do sujeito. Isso permite produzir trabalho frente ao desamparo, modificando a direção de circuitos pulsionais e, assim, novas possibilidades de negociar seu sintoma e seu mal-estar. Diante disso, o problema da satisfação apresenta um caráter ético para o sujeito, já que a forma pela qual este irá se mediar ou procurar uma saída é singular. É pelo fato da cultura que há renúncia, porém é somente na cultura, e via cultura, que satisfações substitutivas são possíveis. Então, se, por um lado, a cultura inibe, por outro, é somente a cultura que pode oferecer o amparo. A forma como o sujeito lida com o desamparo, e em seu percurso encontra saídas que o amparem na sua condição de faltante, apresenta um posicionamento singular, dialético. Isso torna a procura por uma saída uma posição ética frente à condição inerente de mal-estar.

### 4.3 O supereu e a ética

Freud (1923/1996) apresenta o supereu como herdeiro do complexo de Édipo, uma instância construída e constituída, a partir das relações que fomentam a ontogênese do sujeito e, no caso da cultura, a filogênese desta. A regulação moral do supereu age diretamente nas pulsões agressivas, pois elas denunciam a condição de mal-estar desse sujeito frente ao seu desejo e as exigências civilizatórias de renúncia. Quando o sujeito se depara com seu desejo frente a essas exigências, ele pode produzir sintomas que o satisfazem por outras vias; isto é, pelo recalque ao invés de se satisfazer diretamente por meio da agressividade voltada a objetos na realidade externa, que colocam a impossibilidade de satisfação ao sujeito, denunciando a condição de que o sujeito só pode se constituir se fundamentado pela cultura. Nesse sentido:

Para a psicanálise, portanto, o sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, tem a vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos sociais e jurídicos (instituições sociais destinadas ao acolhimento de crianças sem família, orfanatos etc.). Sem isso ele não só não se tornará humano (a espécie humana, em termos filogenéticos, não basta para fazer de um ser nela produzido um ser humano, argumento que dá sentido à palavra humanização) como tampouco se manterá vivo: sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá (ELIA, 2010, p. 39).

Essa condição diz de uma questão fundamental do sujeito: o fato de ele ter a necessidade de amparo no Outro; nesse contexto, as figuras materna e paterna. Porém, paga-se o preço de se estar sob a condição de eu ideal dessas figuras. Ou seja, por se constituir a partir de um laço familiar que ampara. No entanto, esse laço forma condições e caminhos, os quais estipulam uma imagem do homem mesmo diante das realidades externa e interna. O ideal de eu se forma através de uma imagem da infância a partir de um ideal perdido, o eu ideal, donde o eu era amado e suprido em suas demandas. O ideal de eu seria, então, um “substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1990, p. 51).

O supereu tem o papel de mediar o sujeito entre os caminhos permissíveis de satisfação e amparo diante da impossibilidade de completude na relação sujeito e cultura. Por essa via, o mito do pai da horda traz uma questão fundamental da constituição do sujeito e da cultura, colocando a insatisfação e a culpa como premissas para se estar em uma cultura. O sujeito se constitui, mas o desamparo é a premissa para reconhecer seu desejo, diante das exigências da cultura, e do outro, que constitui o homem como ser em uma cultura. Portanto:

(...) muitas vezes pode parecer que nós renunciamos aos desejos por termos preceitos éticos, mas a ordem das coisas é inversa: nós temos preceitos éticos pelo fato de precisarmos renunciar a desejos individuais para viver em comunidade. Dessa forma, ele conclui que os sentimentos éticos não são uma disposição inata, eles são

construídos a partir de uma necessidade de sobrevivência; porém, na verdade, são viabilizados pelo aparelho psíquico, esse sim potencialmente inato, mas que também só vai se desenvolver na medida em que o sujeito passar pelo mesmo percurso que a civilização usou na conquista dos preceitos morais. Nesse sentido, para Freud, o individual remonta ao coletivo, o Édipo ao pai primevo, a filogênese à ontogênese (JUNQUEIRA, 2012, p. 9).

Diante disso, o ideal de eu se situa em relação ao sentimento de culpa como uma tensão entre o eu e o supereu. Numa cultura, o ideal de eu pode transfigurar-se como uma parte do eu pelo fato de este ter raízes no inconsciente. Sendo assim, o ideal de eu apresenta funções do eu ou pode tomá-lo como objeto por meio da censura, da auto-observação.

A culpa, sob essa ótica, reflete uma fixação no passado e a responsabilização coercitiva diante da cultura e da realidade interna, caracterizando-se como masoquista sob o contexto do dualismo pulsional e do princípio do prazer. Ou seja, ao invés de o sujeito se satisfazer por um caráter sádico, voltado aos objetos na realidade externa, o supereu faz o caminho inverso, e o masoquismo é dirigido com a mesma força ao interior e toma o sujeito como seu próprio objeto; isto é, o eu como seu próprio objeto. A culpa seria, então, uma resposta a essa agressividade dirigida ao próprio eu.

A agressão é introjetada, interiorizada, na verdade mandada de volta à sua origem; portanto, dirigida contra o próprio eu. Ali ela é assumida por uma parcela do eu que se opõe ao restante na condição de supereu, e que então, como “consciência moral”, está pronta a exercer sobre o eu a mesma agressão severa que este teria gostado de satisfazer à custa de outros indivíduos. (...) Assim, a cultura domina a perigosa agressividade do indivíduo na medida em que o enfraquece, desarma e vigia através de uma instância em seu interior, do mesmo modo que uma tropa de ocupação na cidade conquistada. (FREUD, 1930/2016, p. 144).

O sujeito é constituído a partir da dialética entre a ontogênese e a filogênese. Diante disso, encontra-se a alteridade entre psicologia individual e psicologia coletiva. O ideal de eu age como representante simbólico da castração e do supereu dos pais, articulando esse processo em detrimento às exigências pulsionais do sujeito e aos limites impostos pela renúncia frente às prescrições para o agir herdadas de um ideal perdido:

Vale dizer, a oposição no campo do sujeito se daria entre interioridade e exterioridade, entre o sujeito regulado pelo eu ideal e o sujeito figurado como ideal do eu e supereu. Seria esse contraponto que marcaria os destinos do sujeito entre os pólos do dentro e do fora, entre a interioridade e a exterioridade, indicando a dialética fundamental de produção e de reprodução do sujeito entre as pulsões e o outro. (...) A constituição do sujeito implica a assunção de uma dívida face ao outro, sem o qual o sujeito não teria condições de existir. De fato, se o sujeito não é a causa de si mesmo e apenas pode advir a partir do outro, sendo um conjunto de identificações, então a constituição do sujeito implica o estabelecimento de uma dívida inefável com as potências que lhe ofereceram as possibilidades de ser produzido (BIRMAN, 1997, pp. 32-33).

Ao afirmar que o ser humano deve ter um motivo para se submeter à influência externa, Freud remete ao desamparo e à dependência dos outros, sob a influência externa, e usa do medo da perda do amor para explicar essa influência: “Se o indivíduo perde o amor do outro, do qual depende, também perde a proteção contra muitos perigos, e se expõe, sobretudo, ao risco de que esse outro prepotente lhe mostre a sua prioridade em forma de punição” (FREUD, 1930/2016, p. 146).

O criador da psicanálise conclui que é com esse estado similar que a sociedade deve geralmente contar, sendo que “A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego” (Freud, 1923/1996, pp. 19-20). Dessa forma, o sentimento de culpa como mal-estar aparece como medo da perda do amor em relação à criança e aos pais e, futuramente, como medo diante da cultura. Já que o supereu da criança é reflexo do supereu dos pais, nesse contexto o mesmo vale para os adultos frente ao medo “social”. No caso destes, “(...) nada se modifica senão o fato de que o pai, ou ambos os pais, são substituídos pela comunidade humana maior” (FREUD, 1930/2016, p. 146). A passagem do medo da perda do amor dos pais, para a autoridade externa em detrimento ao supereu, indica que “Agora também deixam de existir o medo de ser descoberto e, inteiramente, a distinção entre fazer o mal e desejá-lo, pois nada pode ser escondido do supereu, nem sequer os pensamentos” (FREUD, 1930/2016, pp. 147/148).

Com a separação da criança de uma simbiose com a figura materna, e a dialética do complexo de Édipo, a criança é possibilitada a atravessar o narcisismo primário para o secundário, e assim se reconhecer como sujeito, e, a partir disso, instaurar a autoridade interna designada como supereu. Isso permite reconhecer as exigências do princípio de realidade, ou seja, das exigências externas, e então, se tornar o seu próprio objeto narcísico, instaurar seu eu e, em contrapartida, o ideal de eu.

O complexo paterno como injunção do ideal de eu designa os caminhos de satisfações permissíveis ao sujeito. Mas o ideal de eu o conduz a um ideal de totalidade, sob o viés do princípio do prazer, não permitindo que ele lide com sua condição de sujeito; ou seja, a sua divisão. E quando possibilitado o reconhecimento de sua divisão, “o sujeito se inscreveria no universo da alteridade e do ideal do eu, na medida em que o objeto da pulsão se deslocaria do contexto de regulação do princípio do prazer para o do princípio da realidade (mudança de alvo)” (BIRMAN, 1997, p. 92). Essa mudança pode trazer novas possibilidades diante da dimensão euica/egóica e da dimensão do desejo.

O ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno (FREUD, 1923/1996, p. 25).

O processo de uma análise permite ao sujeito que ele possa direcionar certa parcela da agressividade, que antes era introjetada na forma de sentimento de culpa, sintoma ou mesmo mal-estar, em outras direções sob o circuito das pulsões, podendo, assim, ter a oportunidade de estabelecer outras saídas. Essa condição sob o destino da pulsão propicia a emergência do sujeito por meio do desamparo e da angústia, pois “a emergência da angústia é a emergência do sujeito” (ELIA, 2010, p. 13).

O ideal de eu pode ser tomado como o herdeiro do superego dos pais, uma vez que a criança internaliza o superego destes, posteriormente evidenciado em relação às normas sociais. O ideal de eu, então, conduz a aspirar a um ideal que empurra a um fracasso, pois é impossível atingi-lo. O homem é marcado pela falta e pela divisão. O ideal de eu seria o oposto dessa divisão por apresentar um ideal de completude que remete ao eu ideal, de quando a criança era uma extensão dos pais, e, dessa forma, não apresentaria a responsabilidade diante de seu mal-estar, trabalho do qual uma análise permite ao sujeito, a responsabilidade diante de seu inconsciente e seu desejo.

E como mediar essa condição em uma análise e possibilitar a emergência do sujeito?: “Portanto, para que exista alguma possibilidade para o sujeito face ao desamparo, é essencial que o sujeito invente um estilo de existência, de maneira a dar um lugar para a singularidade do seu desejo” (BIRMAN, 1997, p. 86). Em relação a essa mudança de posição, é necessária uma mudança em relação ao destino da pulsão em detrimento das exigências de renúncia da cultura e ao medo da perda da proteção: “Para isso é preciso que o sujeito não aceite o amor oferecido como barganha, para a sua proteção frente ao desamparo, pela ordem civilizatória” (BIRMAN, 1997, p. 86).

#### **4.4 A direção do tratamento e outras possibilidades de compromisso ético**

Freud (1930/2016) observa na clínica que, embora o sujeito siga todas as regras e normas para um alcance ideal de hominização, ou seja, de adaptação à cultura, nunca consegue atingi-lo. As satisfações renunciadas pelo eu voltam-se contra seu próprio eu em forma de mal-

estar. Mediante esse processo e a instauração de um supereu, a renúncia efetuada aparece como insatisfação pelo fato de a agressividade voltar contra o próprio eu, e o resultado dessa relação é o sentimento de culpa. Diante disso, o sujeito do inconsciente aparece marcado pelo conflito entre os polos da pulsão e da cultura. O que uma análise pode produzir aí?

Ao discutir essa questão, há necessidade de esboçar brevemente o que pode vir a ser uma análise. Freud (1895/1950), em “Comunicação preliminar”, nos primórdios da psicanálise, trabalhava com o método de sugestão. Esse método isentava os analistas do fenômeno de resistência e produzia uma alienação em direção à palavra do analista, o que não permitia que o paciente entrasse em contato com seu inconsciente ou o saber sobre seu sintoma: “Ao deixar de lado a resistência, rechaçava também a única possibilidade do sujeito apropriar-se do saber do inconsciente, pois essa apropriação só podia se fazer passo a passo, com a superação de cada um dos pontos de resistência” (ELIA, 2010, p. 28). Por isso, o saber não era apropriado pelo sujeito, mas pelo analista, na figura de hipnotizador, o que descaracteriza em si uma análise. No texto “Tratamento Anímico”, Freud (1905/1996, p. 185) aponta:

Outra forma como a relativa fraqueza da sugestão se revela em comparação às afecções a serem combatidas é que a sugestão consegue a suspensão das manifestações da doença, mas apenas por pouco tempo. Após decorrido esse período, os sinais de sofrimento voltam e precisam ser eliminados por uma nova hipnose com sugestão.

Por essa via, não há uma verdadeira modificação dos sintomas; somente uma suspensão. Essa questão levou Freud a modificar gradativamente seu tratamento, opondo-se ao movimento de sugestão ao paciente e subvertendo em escutá-lo, isto é, levando o paciente a falar e o analista a escutar o inconsciente do paciente; uma aposta no saber do analisando, saber esse do inconsciente, que caracteriza a sua posição de sujeito, por meio da associação livre.

A regra fundamental da psicanálise parece implicar uma certa aposta que o sujeito faz no inconsciente. O dispositivo analítico, com a regra da associação livre, instaura de saída uma dimensão do tempo que é específica à análise. Ao ser convidado a associar livremente, o sujeito fará de imediato uma conexão simbólica, histórica, que traz à baila a dimensão temporal da fantasia (JORGE, 2017, p. 168).

Em relação à dimensão de tempo numa análise, deve-se atenuar para o fato de que uma análise é marcada pelo tempo do inconsciente. Visto isso, o tempo aparece, então, fora de uma temporalidade gregoriana, sem períodos demarcados por uma lógica cotidiana, mesmo com atendimentos semanais, mas não sustenta uma posição voltada à praticidade, rapidez consumista de uma cura, a fim de lidar com o sentimento de mal-estar. Por essa via, uma análise subverte uma lógica civilizatória e escuta a lógica do inconsciente, do tempo do sujeito. Dessa

forma: “A análise pode ser demorada, e se caracteriza como uma (...) prática artesanal e sutil, tão pouco adequada às exigências consumistas de felicidade imediata e sem esforço que marcam nossa sociedade atual” (MEZAN, 1996, p. 104). É uma lição ética freudiana, que valoriza o sujeito e seu desejo, podendo, diante disso, mudar de posição perante o seu mal-estar e sintoma.

A experiência psicanalítica, uma vez colocada em operação através da instalação do dispositivo freudiano da associação livre, produz as condições de emergência do sujeito do inconsciente, justamente através da repetição e da transferência, e cria as condições de produção das chamadas formações do inconsciente – atos falhos, lapsos, sonhos, sintomas e chistes –, outra modalidade de emergência do sujeito, esta de caráter metafórico e pontual. O sujeito, assim, é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista (ELIA, 2010, pp. 16-17).

A ética psicanalítica coloca sua teoria e recomendações para proteger os analistas de um lugar de sugestão. Pode-se dizer que a psicanálise surgiu da escuta dando o privilégio e a responsabilidade de o paciente falar sobre si e se ouvir. Uma análise demanda muito trabalho, seja em relação ao analisando ou ao analista. Em relação ao primeiro, uma aposta na relação analítica, a fim de subverter sua demanda de cura em trabalho, e o preço de escutar e dizer de seu mal-estar, para, assim, reconhecer e tomar contato com o seu desejo. Do segundo, de escutar a partir da lição ética freudiana, por meio da neutralidade e abstinência, isentando o eu do analista nessa relação e julgamentos de natureza moral. A teoria sustenta o lugar da escuta, a sua análise pessoal sustenta o desejo do analista e a supervisão para saber o que é do analista e o do analisando; ou seja, o que é da transferência ou do eu do analista.

A relação transferencial desencadeia no analisando materiais como lembranças, pensamentos, que se encontram influenciados por seu inconsciente. O analista possui o papel, nesse momento, de decifrar esse inconsciente e levar ao paciente, por meio da transferência, esses conteúdos, para que o paciente possa se questionar: “Em geral, adiamos a comunicação de uma construção, a explicação, até que ele próprio tenha se aproximado tanto dela que só lhe reste dar um passo, que é, contudo, a síntese decisiva” (FREUD, 1918/2014, p. 74).

A possibilidade de o paciente se questionar e atravessar sua demanda de cura em trabalho é constituída a partir da transferência. O paciente coloca o analista numa posição transferencial, que permite serem trabalhados conflitos patogênicos. Esse primeiro momento se caracteriza como a retificação subjetiva. O analisando passa a se implicar em sua queixa e, mediante esse trabalho, a possibilidade de modificá-la, o que institui a responsabilidade do paciente em relação ao seu conflito.

Assim, a retificação subjetiva entroniza, num primeiro tempo, o espaço para a instauração da transferência, pois o sujeito, sentindo-se escutado pelo analista no mais íntimo de seu ser, dirige a ele uma suposição de saber sobre o seu desejo. A retificação subjetiva propicia a entrada em análise, que se produz quando o sujeito formula inconscientemente algo que inclui o analista. Há um momento em que o sujeito não apenas se pergunta sobre seu sofrimento, mas inclui nessa indagação o analista como aquele do qual espera uma resposta (JORGE, 2017, p. 167).

O analista passa a fazer parte da fantasia do paciente, que reflete a relação do analisando com figuras fundamentais de sua constituição. O analista aparece como “(...) um retorno – uma reencarnação – de uma pessoa importante de sua infância, de seu passado, e por isso transfere a ele sentimentos e reações que certamente diziam respeito a esse modelo” (Freud, 1918/2014, p. 73). Mediante o processo transferencial, estes podem ser trabalhados, liberando um sentido no discurso do sujeito que está sendo analisado e poderá levá-lo em direção ao seu desejo: “A fantasia, assim como o sonho, do qual ela constitui o núcleo, é uma forma de deslocamento do sujeito de sua posição no presente insatisfatório rumo a um futuro considerado promissor no tocante ao desejo” (JORGE, 2017, p. 168).

Esse processo possui uma característica ambivalente, aparecendo pelo tratamento como transferência positiva, quando o paciente se coloca numa posição de tentar agradar o analista, de ouvir suas interpretações sem pestanejar, o que possibilita a permanência e o estabelecimento de uma transferência para com a figura do analista.

Outro fenômeno clínico que aparece por meio do processo analítico é a transferência negativa. Nesta, o analista ocupa uma posição referente a uma figura fundamental, para a qual esse paciente dirige certo afeto, ambivalência, que denuncia uma relação com sua queixa, sintoma e mal-estar, aparecendo, aí, a agressividade. O manejo clínico do analista possibilita que o conflito chegue, em parte, à consciência do analisando. Desse modo, pode subverter a demanda de cura em demanda de análise. A transferência positiva sustenta a relação clínica e a negativa denuncia o conflito inconsciente. Diante desse fenômeno clínico, pode-se convidar o paciente ao divã.

Mas a passagem ao divã também traz mal-estar. Nesse momento, o supereu, através da resistência e sua identificação com o supereu dos pais, e com o projeto moral civilizatório, entra em jogo, e a ambivalência aparece como sintoma desse conflito. Então, o desejo do paciente também entra em cena, e tendências hostis em relação a esse jogo aparecem: “Se o paciente coloca o analista no lugar do pai (da mãe), também lhe concede o poder que seu supereu exerce sobre seu eu, pois os pais, afinal, foram a origem do supereu. O novo supereu tem agora a oportunidade para uma espécie de educação *a posteriori* do neurótico” (FREUD, 1918/2015, p. 74).

O supereu, nesse contexto, possibilita ao paciente fazer novas construções perante seu ideal de eu, constituído pela identificação com o supereu dos pais: “A identificação é, desde o princípio, ambivalente, e pode se manifestar tanto como desejo de imitar quanto como desejo de suprimir” (MEZAN, 1985, p. 665). Diante disso, permite ao sujeito fazer novas construções sob os valores morais da cultura, que trazem ganhos secundários ao sujeito de proteção frente aos perigos da própria cultura. Todavia, como sintoma, o sujeito em análise se vê dividido. Ou seja, o ideal de eu traz uma completude em relação ao supereu, completude que pode ser equiparada a um complexo de leis, que surge após o complexo paterno, num processo ontológico de constituição do sujeito. Esta relação entre supereu, identificações e ideal de eu é questionada em análise, acarretando conflitos ao eu do analisando, por denunciar a ambivalência e a divisão desse sujeito. O ideal de eu aparece em relação ao sentimento de completude, que, diante do eu, cobra o seu preço ético, sendo possível a partir de um posicionamento singular do sujeito, construir novas formas de manejo do mal-estar. A moral cultural e a subversão à ética singular trazem a possibilidade de outros enlaçamentos do sujeito sob a via de seu desejo.

No artigo “A Transferência”, Freud descreve o processo ético que uma análise pode produzir:

Dizemos a nós próprios que todo aquele que conseguiu educar-se de modo a se conduzir de acordo com a verdade referente a si mesmo está permanentemente protegido contra o perigo da imoralidade, conquanto seus padrões de moralidade possam diferir, em determinados aspectos, daqueles vigentes na sociedade. (...) O neurótico realmente curado tornou-se outro homem, embora, no fundo, naturalmente permaneceu o mesmo; ou seja, tornou-se o que se teria tornado na melhor das hipóteses, sob as condições mais favoráveis. Isso, porém, já é muita coisa (FREUD, 1916-1917/1996, pp. 112-113).

O desejo implica trabalho, e este, a responsabilização. A implicação leva o sujeito a trabalhar, podendo transformar a culpabilização coercitiva dele, donde o sujeito poderá superar sua dimensão euoica revestida de amarras fixadas a um ideal perdido frente à dimensão do desejo. É um jogo dialético, que designa os caminhos, os quais podem levar o sujeito a uma posição ética frente à sua vida cultural e psíquica. Esse posicionamento possibilita ao sujeito produzir, frente ao seu mal-estar, desamparo, e que a culpa não seja apenas um gozo, como se demonstra de início, paralisando-o e mortificando seu trabalho e, conseqüentemente, seu desejo.

## 5 METODOLOGIAS

### 5.1 Delineamento da pesquisa

O presente estudo se encontra delineado a partir da pesquisa do tipo: Revisão de Literatura, ao qual corresponde àquela em que os objetivos ou hipóteses são verificados com análise de Revisão em Literatura, seja através de livros ou em artigos científicos, sendo os mesmos coletados, organizados e analisados.

Mas esse estudo, este presente trabalho, não se limitou somente ao levantamento de textos, discutimos através de uma análise teórica a teoria articulada nesses textos, por isso, fizemos também uma análise teórica ou do conceito, que se define como a inserção do “problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórica para explicá-lo. Geralmente acontece quando o problema em estudo é gerado por uma teoria, ou quando não é gerado ou explicado por uma teoria particular, mas por várias” (SILVA; MENEZES, 2005, pp. 37-38), que no caso deste trabalho é um problema gerado dentro de uma teoria. As vantagens de realizar uma pesquisa do tipo: revisão de literatura. Está relacionada à questão de que os documentos, textos, ou conceitos são fontes de pesquisa estável e rica, como uma fonte natural de informação, uma vez que nascem em um contexto e que este as retratam, donde sua validade perpassa de tempos em tempos.

### 5.2 Procedimento de coleta de dados

Nossa principal fonte de análise foram as obras de Freud, mas os comentadores auxiliaram de guia crítico de leitura e debate.

A pesquisa foi realizada explorando o conceito de sentimento de culpa e as noções éticas articuladas a este conceito para a psicanálise freudiana. Primeiramente, percorremos os textos de Freud sobre a cultura a fim de discutir como a psicanálise considera o processo de hominização. Em seguida, discutimos o conceito freudiano de supereu e sua relação com a cultura e o sentimento de culpa. Por fim, percorremos artigos sobre a técnica da psicanálise, especialmente sobre a direção do tratamento analítico, verificando se há na obra freudiana indicativos de outras possibilidades de compromisso ético na cultura que ultrapassem o sentimento de culpa e o sofrimento neurótico.

A fim de auxiliar na investigação realizamos uma busca na literatura científica sobre o tema, a partir de palavras chaves com os seguintes termos: psicanálise freudiana; sentimento de culpa, ética e psicanálise, cultura, mal-estar e hominização. Em publicações na língua portuguesa, nos seguintes sites: *google* acadêmico, *scielo*, *pepsico*, *medline*, *abecipsi*, *bvs-psi* e em revistas de periódicos, artigos, dissertações e teses, nos temas de psicanálise e cultura. Mas a base principal deste trabalho foram as obras de Freud, e livros de comentadores da psicanálise freudiana.

## **6 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

A culpa poderia se transformar em uma primeira forma de lidar com o mal-estar, por meio da ambivalência, a fim de produzir, então, uma relação dialética, que permita ao sujeito subverter o papel da culpa de mortificante a produtor e mediador num primeiro momento de seu trabalho frente ao seu desejo. Dessa forma, o compromisso ético passa pelo processo de culpa em determinados aspectos, para que o sujeito possa se sujeitar perante seu mal-estar e reconhecer, na incompletude, na falta, a relação com uma ética singular.

### **6.1 CONCLUSÃO**

Numa análise, o sujeito pode atravessar a impossibilidade de conhecer seu desejo, que não seja pela via da falta e do sintoma, viabilizando a possibilidade de se responsabilizar por esse desejo e transformando a falta em trabalho. Diante disso, as amarras euóicas revestidas de ideal de eu, que constituem uma imagem do eu, são, de certa forma, desprendidas, trazendo a possibilidade de outras amarrações, enfrentando nossos sintomas e, assim, outras formas possíveis de lidar com o mal-estar. Todavia, não é que o sofrimento do sujeito irá cessar. Porém, as formas de lidar com o mal-estar não serão somente por meio do viés da compulsão à repetição, fonte de sofrimento, o que não deixa o sujeito visitar o passado, revivê-lo na relação transferencial e atravessá-lo, de forma consciente no presente, rumo ao futuro, à perlaboração. A análise oferece a possibilidade de o sujeito se colocar de forma dialética num conflito, o qual era respondido pela via sintomática e revestido pelo sentimento de culpa. Enfim, o sujeito pode ter a possibilidade de um posicionamento singular, dessa maneira, ético, diante do conflito entre cultura e desejo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: 34 Ltda; 1997.

ELIA, L. **O conceito de sujeito** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. In S. FREUD, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 1, pp. 212-274). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. (Obra original publicada em 1895[1950]).

FREUD, S. **Tratamento psíquico (ou anímico)**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 7, pp. 176-196). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Obra original publicada em 1905).

FREUD, S. **Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 9, pp. 86-99). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Obra original publicada em 1908).

FREUD, S. **Totem e tabu**. Porto Alegre: L&PM, 2015. (Obra original publicada em 1912).

FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 14, pp. 38-55). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. (Obra originalmente publicada em 1914).

FREUD, S. **A Transferência**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 16, pp. 110-120). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Obra original publicada em 1916-1917).

FREUD, S. **A técnica psicanalítica. Compêndio de psicanálise** (pp. 70–83). Porto Alegre: L&PM, 2014. (Obra originalmente publicada em 1918).

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 18, pp. 2-37). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Obra original publicada em 1920).

FREUD, S. **O ego e o id**. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (Vol. 19, pp. 2-35). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Obra original publicada em 1923).

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2015. (Obra original publicada em 1927).

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2016. (Obra original publicada em 1930).

FREUD, S. **A dissecação da personalidade psíquica**. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 22, pp. 34-48). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. (Obra original publicada em 1933[1932]).

FREUD, S. **Teoria dos impulsos. Compêndio da psicanálise** (pp. 34-38). Porto Alegre: L&PM, 2014. (Obra original publicada em 1938-1939).

FUKS, B. **Freud & A Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GASPAR, T. **O sentimento de culpa e a ética em psicanálise**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Psyché, 2007.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – v. 3: A prática analítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

JUNQUEIRA, C. **Ética e consciência moral: A teoria, a clínica e o outro**. São Paulo: USP, 2012.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense; CNPq, 1985.

MEZAN, R. **Psicanálise e Psicoterapias**. São Paulo: Estudos Avançados, 1996.

SILVA, L. E; Menezes, M, E. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.